

# Theatro (quase) todo



**volume 1**

manuel de almeida e souza

## **ficha técnica**

**título:** teatro quase todo (volume 1)

**autor:** manuel de almeida e sousa

todos os direitos reservados ao autor

**1ª edição:** Novembro - 2014

**edição:** “crocodarium”

**e-mail:** mandragora.pesquisarte@gmail.com

**diagrama capa e imagens:** m. de almeida e sousa

**revisão:** bruno vilão

**impressão:**

**depósito legal n.º** x

*“bicicleta” é um projecto editorial da associação cultural  
“mandrágora” - centro de cultura e pesquisa de arte (cascais -  
1979)*



## que é isto?

pouco sei...

ouvi algures: – *a justificação mais doentia que podemos dar à arte será dizer que ela é, de alguma forma, científica*

sobre isso sei, ainda-menos-e-mesmo-muito-pouco. não é preocupação minha

tão pouco me interessa

interessa-me, sim, criar. e sentir. de forma despreocupada e prazenteira

a topologia do papel onde se escreve ou desenha, determina já o significado desse “*jogo que se deseja do acaso*” – é confiar no carácter inesgotável do murmúrio interior

fundamentar os passos de uma “*acção criativa*”, logo espontânea, é, parece-nos, insólito

escrever o drama é, por si só, um acto (poético?).

e se for poético; revela (ou deve revelar) o espaço e o movimento – sobre a folha de papel do nosso canhenho de notas

o *acto* deseja-se volátil e activo – as palavras até podem aí estar inscritas, mas é-lhes permitido “voar” para uma segunda ou terceira folha de papel

e dançam sem ponto – os espaços em branco não são “pontuados”. e alguns deles são mais brancos que outros. alguns brancos são maiores que outros – ainda que possam parecer iguais

ao escrever o poema-acção-teatral, as figuras

deslocam-se em espaços bem definidos, onde o olhar do espectador se move e persegue os sons emitidos pelo rito dramático

a “jornada”, através do acto, procura (naturalmente) seguir os que se aventuram por esse caminho mágico

dispensamos, aqui, as didascálias por isso mesmo – por estarmos empenhados no poema-acção-total

qualquer possibilidade de existir uma didascália ela será parte integrante da criação; será uma outra personagem nesse acto (o actor ou actriz desenha, no espaço sacralizado, o movimento das palavras da figura em cena)

**nota:** *na primeira peça apresentada neste volume há 3 personagens: A1, A2 e didascália sugere-se, uma vez que não é definido o seu género, que a didascália seja representada por uma actriz ou actor, actriz se as figuras A1 e A2 forem atribuídas a dois actores, actor se A1 e A2 forem desempenhados por elementos femininos*

M.A.S.

*perguntas*



*...ancoradas no silêncio*

ergueu o rosto  
 os olhos azul  
 púrpura, dispararam com a  
 intensidade de um relâmpago  
 um véu de chumbo  
 pouco resta do prado  
 o sangue espalhou-se na comisura dos lábios e...

**a1** – vamos?

**a2** – vamos

Jogou nas chaves  
 a amargura  
 colocou a mão nos lábios,  
 limpou a boca e desviou o  
 olhar  
 levantou-se.  
 predisposta a responder  
 ao ataque

**a1** – vamos!

**a2** – o vento quebrou-me o rosto

**a1** – não entendo...

**a2** – a culpa é tua


**a1** – tua!... a culpa

**a2** – minha?

*a mancha destacada pela luz*  
*fria atrás*  
*do corpo intrinseco*

**a2** – sim. a porta-amortecedor sente o estridente bater  
dos nós de dedos  
segue a pressão  
na aldraba  
nos ossos  
e  
na inquietação do impacto  
só um líquido escarlate refletido nos olhos  
se apercebe da reprovação  
**a1** – deixa-me ver!

*um sorriso mediocre*

 *e superficial abre  
a porta de metal  
num doce arrastar  
e, ao entrar, arrasta consigo uma  
névoa negra a reclamar lenços de  
álcool*

**a1** – sim. está aberta  
**a2** – os passos têm metros  
**a1** – nem mais. escancarada, a porta...



*o som do fluido que corre*

 *causa-lhes*

*calafrios, obriga-os a uma pausa.  
peut-être devido ao farfalhar das roupas no  
estendal*

*apagou a luz, fechou caminhos, desceu  
escadas e disse (quando o táxi os  
recebeu)*

**a1** – centro

*disse-o já sentado*




*no banco de trás. ela virou-se e  
olhou-o; em silêncio. a viagem enterra-se na  
paisagem*

**a1** – afinal...

**a2** – não entendeste?...

**a1** – claro que sim. e muito bem

*olhou a bebida que precisava.*

 *tomou um longo gole.*


*passou-o pela garganta e observou as luzes  
espelhadas no líquido*

*os joelhos atacam-no com perguntas de  
romper silêncios*

**a2** – surpreendido?...

**a1** – não. apenas surpreendente


*cresem o silêncio.*

 e sobe os  
degraus da tensão-de-  
fensiva-revoltada...  
...deu um passo para o  
lado

**a2** – e que dizer do tilintar das fechaduras para lá desses passos pesados?

**a1**– lembram o ranger de portas


*foi um pensamento-pergunta-resposta.*

 apenas isso  
o silêncio mal se virou  
quando se sentiu capturado pelo  
reflexo da pintura emoldurada na  
parede  
aí onde os rostos, sinistramente  
marcados, aprofundam as  
sombrias

**a2** – tem estado quieto há alguns dias

**a1**– sim. foi um dia normal e à noite aconteceu o esperado... mas eu não falo comigo


*silêncio. outra bebida*

 os olhos  
encontram outros, os azuis.  
bebeu  
tomou outro gole  
cruzaram-se muitas pessoas tentando  
sair de carros, elevadores, estações de  
metro e outras paragens. também  
prédios inteiros congelados. no  
entretanto, perguntou-se (a si  
mesmo)

**a2** – o que fiz? que foi que disse?

### *orifícios de sucção*

*peito. lutou contra todos os*

 e um ferro profundo trepou pela memória...  
resultado;  
uma explosão de palavras.  
encostados à parede que se desenhava frente à porta  
olhares vazios, marcas vermelhas, frescas que lhe man-  
chavam suavemente o rosto  
e... o cabelo desgrenhado dobra-se sobre si mesmo  
suspira, caminha e  
foca a visão

*o vazio da sala ecoou no*

*força os ligamentos no meio sorriso*



*aparentemente*

*sem sucesso.*

*então pára. analisa a gravidade.*

*o bico da dor não desaparece, o tampão de  
nariz pressiona o adesivo labial translúcido*

*os braços repousaram sobre a mesa*

*a visão densa apercebe-se do ritmo. o táxi prossegue,  
percorre a acidez do pavimento, desrespeita os sinais  
de trânsito e vibra lembranças de eletrodomésticos e  
zumbidos de lâmpadas...*

*o peso dos olhos dissipa-se e o véu de chumbo que o  
deixara completamente inconsciente parece-lhe mais  
fino. a visão, embora turva, permite-lhe uma visão  
mais familiar. a memória desperta-o com um*

*puxão – rápido se levanta*

*e... ouve-se risos, sirenes e o ruído do tráfico*

*– ela, virou o rosto para trás e nada*

*disse*

**a2** – foi assim. assim mesmo. não o vi o dia todo  
não lhe falei porque... estava sentado no meio da sala  
note-se; o meu sector não foi afectado pelo apagão. não  
havia quaisquer luzes  
ele... estava sentado na sala de estar  
nem olhou para mim



**a2** – claro que o segui quando saiu. queria ver para onde ia. entrou no carro. a sua imagem...  
... estava sentado. na escuridão. sem se mover  
não. não foi a lugar nenhum, trancou-se apenas no carro.  
então aproximei-me para o questionar. ignorou-me.

*as imagens daquele dia  
voltaram à sua cabeça  
as palavras, atentas, devolve-  
ram-no ao curso da conversa*

*a bebida*  
*terminou*

**a2** – se discutimos? não. não exatamente. estávamos apenas a dizer coisas. as que pensávamos de forma diferente  
usei o sarcasmo e nada... dormia na sala embora não usasse o travesseiro ou a manta que lhe deixei  
estás acordado? perguntei. pois pensei que poderia dar azo a um sinal... sem nada lhe dizer verifico a temperatura e murmuro: – idiota!  
seguiu-me com os olhos incrédulos

**a1** – sei...

**a2** – não me respondeu quando perguntei se tinha comido. fiz e dei-lhe uma sanduíche. sentei-me a seu lado, coloquei o prato à sua frente...  
uma (talvez) pausa para o questionar novamente mas não. levantou-se e saiu de casa. sem me olhar..  
uma hora se passou. só depois regressou...  
levantei-me. entreabri a porta. lá estava ele novamente. sentado no meio da sala. no escuro

**a2** – eu sei, mas não me lembro. como vou lembrar? vou pedir outro copo

**a1** – outro para mim...

**a2** – quando regresses, estavas no chão

**a1** – sabes?...

na leitura de manuscritos pagãos (livros de notas de “bruxas” e “feiticeiros”) podemos descobrir que os onze espíritos entoam cânticos, em coro, na última noite dos moribundos


esse coro, soa como uma só voz. que os prepara para a derradeira VIAGEM

não. não posso perder o controlo

**a2** – se não aguentares


as emoções...

*segue-se uma série de memórias – desconexas – porém reveladoras*

 *pediu um outro copo. bebeu.*

*deixou o calor escaldante (do líquido)  
descer pela garganta  
o silêncio fez-se sentir. suspirou. o seu rosto  
inchado na área do golpe e os olhos magros  
projectados na barra de metal do bar  
aquelas sobrancelhas franzidas e o rosto  
transformado, exigiam uma explicação...*

*de dedos cerrados*


 *o choque nos dentes, o som seco  
do crânio batendo em guerras distantes e o  
cotovelo roçando a mesa  
o álcool ajuda a dormir. é facto. a melhor das  
noites terá de correr com o melhor dos dias –  
foi o que sempre lhe disseram  
ou isso se supõe*

*a sensação relembrada*

**a2** – ah!... tocam tambores no meu estômago

**a1** – percebo... é uma simples frase. pretendes  
exibir a tua eloquência?

*que se ali, aparentemente  
desinteressado pois nada disse*

 *só muito  
depois deixei que as palavras  
escorressem dos lábios.  
as imagens envoltas pelas sombras nocturnas  
navegam pesadelos e sonhos humedecidos pelo  
prazer  
contivemos a respiração sem dar conta e os olhos  
entornam agora outras memórias onde  
a ira e o desejo se misturam graças ao auxílio da  
varinha da cozinha – um excelente batido  
que apimentou o seu monólogo*

**a1** – o odor de combustível e pneus em chamas impregna o ar  
ainda  
que atordoado  
que assustado  
que agastado  
que chocado  
que agitado  
que paralisado  
que deslumbrado  
e quiçá  
surpreendido  
confundido  
surpreendido  
ou mesmo  
estupefacto  
confuso

além de  
horrorizado, entorpecido, perplexo, chateado, desconcertado, perturbado...

**a2** – ah!... aquilo era de tirar o fôlego.  
o peito subia e baixava com força. os olhos cuspiam fogo

**a1** – não. não fales por mim!

**a2** – onde estás?


**a1** – aqui. . .

**a2** – aqui? . . . aqui, onde?

**a1** – aqui. . . onde o escuro me invade



ao seu redor

 porém se recuperou rapidamente  
ainda que os velhos sentimentos esprei-  
tassem pelas gretas da porta – sentiram a  
certeza aproximar-se e,  
ainda que confundidos

*mon n'empêd o*

**a2** – e porquê agora?...

**a1** – porquê tantas perguntas?

aqui

as cores vêm

e

vão

azuis, débeis

vibrando as asas da noite

verdes, fortes, silenciosas

luzes persistentes como banhos de neve

aqui

onde lábios franzidos sopram em flautas frescas, em am-  
plas sombras

e cantam (com voz trémula) rostos invisíveis

obsessiva e lentamente

os tempos colherão lâminas embrulhadas na morte

outras canções serão cantadas e, extasiados, correremos

entre as árvores profundas do sono

uma fonte de dedos jamais roubará o mundo

*Cascais – 2020*



*amorosos*

*Tarot – carta VI (arcãos maiores)*

## meia sombra – ou dos amores

### 1

**didascália** – eu, didascália... entrei em cena. atravessei o espaço. branco  
no chão dois actores  
sobre mim, paira um terceiro  
o terceiro actor, é martim, um jovem suspenso do tecto. por cordas  
ao fundo, o autor escreve. depois lerá:

**autor** – apenas mato e, um corpo...  
a terra recordava outros tempos. tudo o que me envolvia parecia perguntar por outras lendas. histórias contadas por homens. poucos sabem do grande nada para lá do cenário, para lá dessa fronteira  
a luz do dia mostra sinais de vida  
nesse espaço que se perde por entre sinuosos caminhos ao redor das poças. negras  
as sombras movem-se, perseguem o estranho, escondem-se do olhar...

**didascália** – eu deveria ter dito antes:... – o autor levanta-se e aproxima-se da boca de cena. talvez isso, ou...

**autor** – não o previ.

**didascália** – claro  
a minha personagem é difícil

**autor** – pouco interessa...

**didascália** – ainda assim!...

**autor** – a realidade retira-se no momento relampejante da bifurcação  
o mundo, o das aparências, é um sucessivo velejar  
e  
sorridentes, os dentes...

**didascália** – conhece aquela personagem?

**autor** – qual?

**didascália** – aquela que paira sobre nós.  
aquele jovem suspenso por cordas

**autor** – martim?...  
claro. morreu há muito  
e segundo informação oficial, num acidente  
mas...

**didascália** – mas?...

**autor** – não

**didascália** – o autor volta à leitura – em voz alta

**autor** – terminou no chão...  
seguiu-se um pensamento, como um disparo:  
– espero que isto não se torne um hábito  
o medo já não é medo. se o for...  
... é facto  
somos como répteis apressados  
soltamo-nos das próteses presas na lama  
e deixamo-nos embalar por outros cantos  
rasgados  
ancorados nas pernas

**didascália** – o autor, solta o papel e encara-me de frente

**autor** – olhou

o companheiro estava morto a poucos metros

os outros            camuflados na noite

não os enxergava

talvez com o raiar do sol se pudessem juntar

pedir a evacuação do corpo desse homem que vira morrer

**didascália** – uma mina?...

**autor** – sei pouco. apenas sigo a trilha dos mortos

por aí                onde não há leis

e                      ao passar pelos cadáveres dos amigos...

... os instintos nómadas apontam a direcção do vento

qual                 lufada que corta

como navalhas cegas...

**didascália** – os amigos contam-se pelos...

**autor** – ... dedos de uma só mão

disse-te ele?...

claro. foi ele...

**didascália** – sublinha...

**autor** – ... dos amigos. os meus

homens morreram

mulheres enlouqueceram...

ele estava consciente de que a nossa geração seria das últimas a  
morrer contra a sua vontade...

tinha os cabelos avermelhados. da cor do fogo

**didascália** – estamos apaixonados

**autor** – eu sei

**didascália** – sabe?

**autor** – claro.

soube-o muito antes de ter morrido  
soube-o num jantar. a dois  
a bordo de um barco...  
um veleiro  
devorávamos olhares...  
... como estão distantes os dedos que me viram passar  
como estão...  
até amanhã.

**didascália** – o autor sai pelo fundo. um dos actores, que permanecia no chão, levanta-se. arrasta um outro para os bastidores ao ritmo marcado pelo som de um tambor... também se pode ouvir, o ruído do trânsito da cidade  
agora saio  
é martim que se ouve. mas só após um tremendo grito. um grito lancinante

**martim** – os amigos contam-se

no meio dos prédios  
quando as estruturas resistem lubrificadas por palavras  
as palavras...  
desenham-se no vento

**didascália** – eu passeio-me no espaço e, num repente, caminho na direcção do público para dizer:

– na sombra... a luz  
os olhos  
os eclipses  
os espelhos

e  
alices                    de olhos roxos  
... mais direi:  
– galdranas animam as mais belas festas com danças históricas  
                              este enfeitiçado mundo  
                              é um jogo  
                              mágico...  
... olho, agora, para martim e digo:  
– quem sabe não te encontrem sentado por baixo do silêncio  
                              muito calado

e martim:  
– quem sabe com tudo isso não haverá sangue  
                              tão pouco nocturnas fumaças  
os fins de semana diluem-se ao ritmo das minas, dos quartéis, dos  
carros de assalto e fins de semana com peixes nos olhos  
os cigarros esfomeados  
são como sombras inventadas no crepúsculo. como um baile ani-  
mado por sirenes

e direi eu:  
– quem sabe se as montanhas a escalar  
                              profetizam, solenemente, o meu destino  
é                                que  
vais                        e                        vens também  
... como pude envelhecer este tanto tempo  
                              sem ao menos ter passado o cotovelo da rua?

martim incendiará a sua voz para dizer:  
– resta                        me  
ainda  
errar pelo pântano            solitário  
resta                        me  
ser                            eu  
a devorar piqueniques    ao meio dia

sempre                                   ao meio dia  
e    ao meio dia  
  a meio caminho  
ninguno había intentado avanzar sobre el otro...

**didascália** – ninguno había intentado avanzar sobre el otro...  
ninguno había intentado avanzar...  
... ele                                    escorregará sobre mim para me beijar

**martim** – amo-te!...  
  tens um espelho?...

**didascália** - aqui o tens.

martim olha-se demoradamente ao espelho... eu interrompo:  
– os teus lábios tocaram os teus lábios? no espelho...  
mas isso não consta no guião...  
e    se constasse...  
  deveria ser eu a dizê-lo  
o que fizeste...

**martim** – eu conheço esta história...  
  como conservas  
de atum  
de sardinha  
de cavala  
  em tomate  
em molho                               de tomate...

**didascália** – passados estes minutos de paixão, as luzes baixam  
saímos no escuro



## 2

**didascália** – um outro acto

as metáforas desgrenhadas sentem vontade de narrar outras aventuras...

olho ao meu redor

e

pergunto: – onde vamos agora?

respondo: – para casa.

pergunto: – e depois?

respondo: – depois entramos...

pergunto: – e depois?

é então que magda, apressada, atravessa a cena. pára num dos lados do espaço

e                                   dirá para o interior de um funil:

**magda** – a percepção é já pensamento...

porque...                   há uma porta, uma chave...

... foi assim que inicii uma nova etapa nos braços desse energúmeno

foi assim que quebrei todos os relógios

enviei propostas de emprego

ah!... a minha pouca paciência nunca fez milagres

sonhei esmurrá-lo até que pouco restasse dele

e                                   os registos dentários fossem necessários para o

identificar                   é facto

quis destruí-lo dar cabo da existência desse tipo

de rosto bonito

e                                   ego extremo

**didascália** – apenas pergunto: – ¿qué harías si tuvieses todo el tiempo del mundo?

e

magda responde:

– lancei os meus garfos no teclado

ori gui ohkum  
ori gui ohkul  
ori ori ori  
kim kim kim

e tudo                      vibrou  
                                  convulsionou  
                                  esticou  
                                  escorregou

pelo canto do lábio  
os instintos despertam

                                  onde estás tu?  
                                  onde estás tu?  
                                  tu...?!

**didascália** – antes de sair, magda, toma um banho no chuveiro  
e faz a barba  
só depois se vestirá decentemente...  
saímos de cena

                                  as duas

mas antes, terá entrado martim

**martim** – depois comemos

e...                      tudo se resumiu a uma névoa  
uma névoa diante de mim  
antes de acender a tua voz

                                  tapo o sol com as mãos

assim                    de pé

falo baixo

tudo                      em todas as ruas

e                            línguas

... o quadril terá sido lacerado  
um golpe de tamanho significativo  
metros atrás, um encontro desagradável, mas pouco recordava  
para além das crateras na pele  
dos assobios

das bombas  
a pouca distância das orelhas

– é facto. o projectil poderia ter acariciado o lóbulo  
num beijo

fatal ou...

letal

os músculos não tiveram tempo para pensar

tudo terminou no chão

mas não esqueças...

se me amas encontrar-me-ás

mesmo depois de morto

**voz de didascália** – sai de cena!

### 3

**didascália** – como terão tido a oportunidade de verificar... acabo de entrar no espaço simulando um jogo infantil. saltitando sobre o pé esquerdo

a cena representa a sala de entrada de uma tradicional casa de pasto

neste momento entram dois actores. os seus rostos estão coberto por máscaras. sentam-se

e eu...

ficarei aqui. para que os meus olhos possam navegar as folhas de um jornal

**actor** 1 – pântano

**actor** 2 – mato

**actor** 1 – explosões

**actor** 2 – tinha os cabelos avermelhados pelos trópicos

**actor** 1 – como o sol  
como a consciência

**actor** 2 – quê?...

**actor** 1 – não sei, para mim foi a primeira vez  
nunca se passou nada igual...

a vontade cedeu  
e  
entreguei-me à exaltação. agora...

**actor** 2 – o amor rebelde, apoderou-se do teu arbítrio  
e a razão partiu para umas longas férias

**actor** 1 – como uma silhueta. à luz de velas...

**actor** 2 – não!

**actor** 1 – porquê?

**actor** 2 – não é correcto. penso eu...

**didascália** – ouve-se um grito. os actores ficam estáticos. o actor  
1 retira a máscara. é martim

**martim** – segundo li  
duas pessoas reagem de forma diferente frente a uma representa-  
ção  
o que soa como agradável para uma...  
que estupidez!?! perdemos tantas vidas nestes jo-  
gos virtuais...  
preciso fazer um “download” imediatamente  
posso?...

**didascália** – o actor 2 dirige o olhar, de forma mecânica, para o tecto. martim faz-se ouvir:

**martim** – existo...

embora não o saibas  
a sério...

sou eu quem pensa

e tudo não passa de um sonho  
havia forma de o evitar? não. o meu corpo suava, parecia adivi-  
nhar aquele momento. não. não podia disparar. os meus dedos  
incharam. foi tão estranho...

um sonho terrível  
e insustentável...  
... um pesadelo!

ainda soletei as palavras impressas neste papel: – olhando um  
corpo inerte, no lugar do drama, o meu, traço os caminhos que  
vencemos

tu e eu

tu eras um e eu, encharcado pelo sal de travessas lágrimas...

sou, agora, dois

**didascália** – o actor 2 retira a máscara. é o autor

**autor** – lembro-me de ter ouvido isso...

**martim** – não nasci ainda

tudo é escuro. movimento-me porque estou sendo repellido...

para fora de alguém, para fora do universo!

bebo todos os gemidos para que tudo fique branco

em silêncio

silêncio

silêncio!

não é o que todos dizem?

de forma... barulhenta?

**didascália** – os dois, voltam ao estado anterior, agora sem as máscaras, não se mexem  
ouve-se um ruído estranho...  
precisamente este  
agora entra magda como louca. está com muito medo...  
o autor empunha um revólver e dispara sobre ela três tiros. grita:

**autor** – matei-te!...  
                    não te suportó!... nunca te suportei!  
cabral!...

**didascália** – o autor sai, depois de seguir com o olhar a queda de magda. martim abandona o espaço assobiando e insinuando uma dança - algo romântica (?). magda, levanta-se num repente quando a sirene dum carro de bombeiros se faz ouvir

**magda** – um incêndio... onde será?  
                    os bombeiros...  
e eu perdida     sem saber como regressar

**didascália** – sai tão louca como entrou

## 4

**didascália** – o chão está coberto de folhas de papel de jornal. escuro. som de trânsito urbano – interrompido bruscamente. ouve-se agora o chilrear de pássaros. a luz sobe lentamente. em cena, martim. manipula um telefone portátil  
após um tempo de silêncio, entra em cena uma bicicleta que cai. o actor não se move. demonstrará, mesmo, a maior indiferença. ouve-se um relato de futebol (som de má qualidade). martim olha para trás...

**martim** – ele...  
levantou a cabeça para observar a lâmpada que pende do tecto

... respirou profundamente  
e cerrou os olhos...  
... talvez para valorizar a viagem que ainda nos restava. e, com as  
mãos no arado desenhou fantasmas. no tempo  
sem tristeza ou glória  
algo normal?  
comum? ...  
não...  
apenas imagens  
a perderem-se no espaço  
a perderem-se na arquitectura dos ventos de destruição  
e escreveu: – para quê despertar os cavalos do apocalipse e os  
profetas do fim da história?  
a questão inundou as resmas de papel craft onde cantam as pala-  
vras que em nós navegam  
poderíamos também ler: – hoje não há resposta. ele não respira  
já. deixou de ser ele  
tornou-se coisa. apenas isso. coisa. depois... os  
meus olhos passaram-se nas formas desse objecto outrora pre-  
nhe de vida  
ah!...  
a sua escrita atreve-se por meandros pouco explorados  
parece viver sentimentos, desejos e uma busca incessante na ge-  
ografia da carne...  
perguntei-me na altura sobre...  
el valor de las palabras  
foi... quando nos serviram um prato com cogumelos  
cristalizados  
... comemo-los estendidos sobre o leito  
só depois  
iniciámos uma aturada investigação  
podias ter eleito melhor música para ilustrar o acto. não?  
foi o que disse. acho eu...  
sim. estou lembrado. foi precisamente isso. mas havia outras ima-  
gens...

um pássaro entra  
e                   estaciona no centro do quarto  
                      escurece  
                      tudo escurece, mas não totalmente  
e                   na penumbra...  
engraçado  
ser-se consciente da beleza não é demasiado difícil  
porém...           conter-se quando se manifesta ante ti  
                      quando transborda  
para mais, protagonizada por seres que habitam um retábulo de  
perfeição...

## 5

**didascália** – uma coisa é a mente, outra...

                      é magda que regressa. sim. perturbada  
não sabe que fazer. balbucia palavras estranhas... o autor (que a  
matou), volta a entrar. pára à sua frente e dispara de novo. três  
tiros sobre ela. magda volta a morrer. ele, sai com um sorriso vi-  
torioso. neste momento uma valsa soa  
martim e eu, ensaiamos uma dança. enquanto isso, canta

**martim** – pintava pássaros

                      e  
                      um gato  
                      lambia-se entre pernas  
eu grasnava       com os amigos que nunca tive  
ali                   onde se inventa todos os dias o céu  
                      e  
                      o meu corpo morto  
  observa-me  
como num jogo de crianças  
                      contemplo pontes  
                                  de algodão  
                                  de açúcar



**didascália** – martim pára. estupefacto. olha o relógio...  
sai num repente. mas antes gritará:

**martim** – era o meu palácio  
o nosso espaço sagrado  
as chamas devoram-no

**didascália** – magda, antes atingida pelos três disparos... levanta-se suavemente para dizer:

**magda** – fui possuída por um secreto desejo  
mas ele matou-me  
                                  haverá uma explicação sensata para isso?  
ou tudo se deve à sua nula capacidade...  
não mais que um bocejo  
                                  um grito  
com efeito é pouco hábil... é-lhe difícil distinguir uma porta  
diante de seus olhos cansados  
hoje                         só as fadas me escutaram...

**didascália** – eu... espantada.  
e                             perplexa...

**magda** – velo pelo amor que não me dão  
não                         não me deram...

**didascália** – o autor volta a entrar  
empunha, agora, um enorme punhal

**autor** – agora sois duas?...  
                                  sabei que sou um dos mais perigosos vírus  
e                             aqui, neste banho público...  
ireis sentir-me no interior das vossas veias

**didascália** – esfaqueia-nos e ficará aqui algum tempo a contemplar os nossos corpos ensanguentados. reparem; ele usa cosméticos fabricados com óleo de baleia, talvez por isso...

tenhamos morrido            as duas  
não. não deve ter sido por isso. chamo-o?... sim. vou chamá-lo

– olha para mim!  
para os meus ossos  
sabes?... por detrás da janela, muitas vezes, obrigava-me a usar um colar de pérolas

**autor** – já não há pedras sobre as quais possas saltar...

**didascália** – o mundo aposta nos nossos corpos. na carne...

**autor** – o corpo ensanguentado que descansa naquele caixão vermelho            é o meu  
e                            essa coisa das ratas, de que tanto medo tiveste...

**didascália** – solta uma gargalhada terrível e, continua:

**autor** – foi das melhores histórias que alguma vez os moribundos me contaram. o tempo não existe. existe o não-tempo. o não existe, tem o tempo, existe tempo...  
foda-se!...

**didascália** – o homem sai desesperado exibindo um sorriso de catálogo

tienn que ocurrir tantas cosas para que dos personas se encuentren...

e eu                            quero estar aqui  
agora                        em mim  
sem passado  
e                                sem futuro...

## 6

**didascália** – estamos em cena... nós. eu e o autor  
que mergulha os pés num balde de lama  
e, como na cena primeira, martim paira suspenso por cordas...  
ali. sobre nós

– ele não sabia o que queria  
mergulhava nas histórias onde também eu sonhava es-  
tar... tu sabes como é; carro grátis e dinheiro para os copos...  
encontrou-me numa ruela. perdida...

**autor** – interessante

**didascália** – ah!...  
um dia confessou que desejava praticar...  
algo selvagem comigo  
eu só disse: – se capaz disso és...  
os teus problemas diluem-se aqui  
porque aqui és tudo  
porque aqui podes  
tudo  
e  
nada nem uma coisa...  
nem outra

**autor** – muito interessante...

**didascália** – hoje condensei um extraordinário ensaio  
tudo, graças ao seu incondicional carinho  
a sua fiel e feroz mente guia-me. ainda que...

**autor** – sei... uma referência. mas não estou maquilhado, não  
sou filho de uma prostituta e se...

**martim** – nunca me atrevi a gritar, salvo à minha própria pessoa  
não. não utilizo mais máscaras. a minha carne apodrece...  
sou o vento desta auto-estrada. habito uma ilha, esquecida  
e em choque continuo...  
não. nunca apelei ao normal  
sou o interruptor que dá acesso imediato ao meu inferno  
e sou tão transgressor...

**didascália** – a coerência é sagrada. és o bálsamo que chega.  
martim exhibe um revólver... dispara em todas as direcções

**martim** – vou matá-los!... estão já mortos, seus cabrões!  
atirei sobre vós  
com o peso do olhar bem no meio do peito  
vós criastes as quatro estações mas... esqueceram-se que eu inven-  
tei muitas outras

## 7

**autor** – ando aqui, de um lado para o outro. sem destino.

**martim** – eu... poderia, agora, traçar alguns riscos e ninguém  
ousaria dizer que não estou certo. tenho tudo na ponta dos meus  
dedos  
nas ilhotas da minha memória

**magda** – com o rosto coberto de lama e certa teimosia disparas  
contra as adversidades do terreno. tão só isso  
nunca havias chegado tão longe...  
todavia não atingiste o coração do pântano  
o terreno era irregular, escorregadio naqueles trechos de terra  
onde a humidade e a água das chuvas se haviam assentado em  
poças de lama  
a luz do sol era escassa e os mosquitos, alguns do tamanho de um

feijão, flutuavam em teu redor  
numa sinfonia de zumbidos irritante  
previam-se picadas dolorosas  
à noite...  
trazes contigo cada contorno  
  cada rectilíneo traço do que és  
ou  do que, julgo, sejas  
quem terá no peito a coragem necessária para soltar um olhar  
selvagem?

**martim** – eu!...

  que merda... a todo o momento corremos o risco de não  
ver ninguém

  não enxergar nada. sim lembro-me dele...

  caminhou sobre as águas

  porque sabia sonhar

fiquei travado na cama a pensar em tudo isso

um exercício feito e refeito

um exercício daqueles com que aprendemos a escrever

ah!...

agora sim                  posso matá-los

a todos

libertá-los!

permitam-me esse toque da classe

*escuro*

### **cena ao estilo de final feliz (ainda que o não seja)**

**martim** – o espaço cénico está mal iluminado. eu... vou entrar

na cena e lanço para o chão pequenas folhas de papel

saio em seguida. é o vazio. apenas vozes. num crescendo

volto de novo para recolher as folhas

vou organizá-las, calmamente, sentado neste pequeno banco

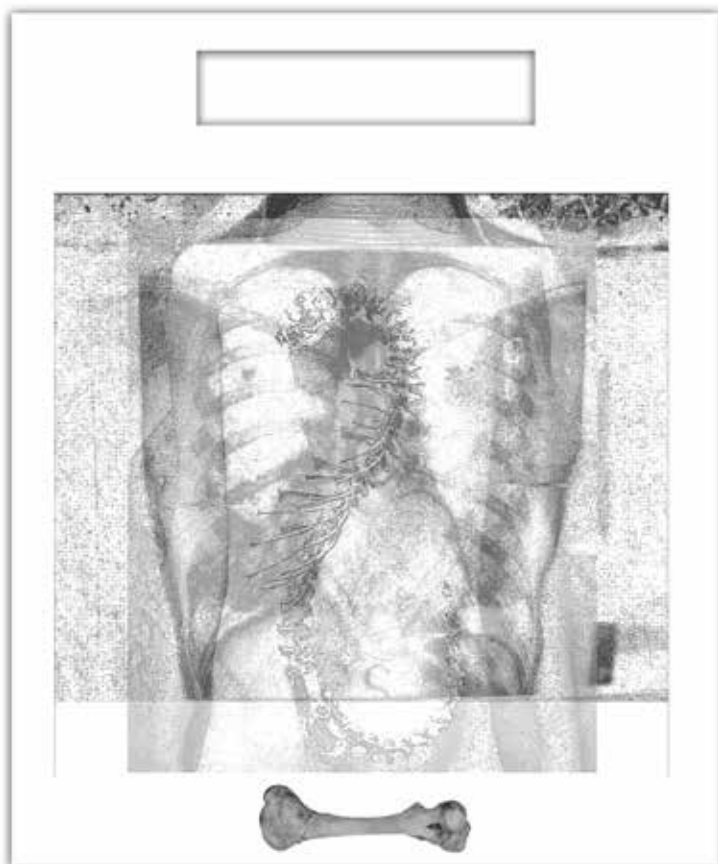
  agora vou cosê-las com esta agulha

– que tal...?  
construí um belo livro com os nossos poemas  
belos poemas!?!...  
ainda os não li, mas...  
oh!... este é a cara dele...  
como estão distantes os dedos que nunca me viram  
isso os vapores devem fluir  
naturalmente  
pela pele  
então... uma planície nebulosa e vasta cola-se aos olhos...  
aos nossos olhos. nesse ambiente, ouve-se o tiro fatal  
e com movimentos ásperos, consigo rastejar  
o pântano treme. tombo. ali. apoiado no seu corpo  
tempo haverá para observar a estrela que ensombra a tarde  
  
entra agora um ciclista disparando tiros de revólver. sai rapida-  
mente  
antes de se despedir..  
ainda me diz:  
– engatilhei o cérebro e disparei projecteis na esperança de per-  
furar o teu coração...  
sim. aqui o vinho é mais sombrio  
a cúpula dos ventos esculpiu uma outra explosão  
bem condimentada  
e inesquecível...

*escuro*

*Cascais - 2011*

**entre latidos (dos cães)**







## entre latidos (dos cães)

### Cena zero

- o meu nome é Lúcia. disse ela
- o meu é Valentino. disse ele
- a Margarida gostaria que o céu descolorasse!... disse Valentino
- la musique... c'est jolie. très jolie. disse Lúcia
- fresca e clara é a noite!... disse Margarida.

*mas Margarida estava ausente. Margarida estava no princípio da rua. imóvel. mui próximo da Condessa que, na mão esquerda, segurava o guarda-pó.*

- Angelo nada disse. a sua garganta estava presa. por um nó. um nó que o estrangulava. um nó górdio!?... a chegada de um Alexandre tardava. um Alexandre que empunhasse a espada. que o cortasse. isso, o nó. entrementes as enciclopédias caíam... e desmanteladas, as muitas folhas que precipitaram o raciocínio, não nos deixaram levar pela histeria... ... isso, ninguém o disse. foi tão só, o pensamento de Valentino.

*a abanar as mãos, o leque e a saia rodada... entra a Condessa envolvida por uma praga de gafanhotos. a Condessa dirá:*

- o meu pequenino sentia-se fraco. precisava de dormir. o meu pequenino chorou muito... lágrimas salgadas, as dele.  
onde estás tu, meu querido Valentino?...  
onde?...

*e Valentino responde por detrás da cortina:*

– aqui avó!... aqui!... estou sempre onde me possa alimentar dos sentimentos.

sim. os meus sentimentos estão frescos.

refiro-me, claro, aos actuais. os outros... os de antes, já não são meus.

*então a Condessa sai, vagarosa, como entrou. dirá apenas, antes de sair:*

– quem sabe?... pergunto-me... quem sabe se alguma vez fui religiosa?

é facto. perdi há muito a alma!

*de uma das cortinas sairá Lúcia para dizer:*

– estamos num palco. no palco de um teatro. e isto é um espectáculo!

como verificarão, da teia escorrem seis cortinas. seis cortinas estreitas atrás das quais se encontram os actores.

o ritual teve início e uma actriz, eu...

dirijo-me para o centro. caio. e... grito: – fui agredida!...

e, num derradeiro suspiro, direi: – ai!...

os outros, Valentino, a Condessa e Angelo rodeiam o meu corpo. choram. enquanto isso, lançam quadrinhos de papel coloridos sobre mim.

**Valentino** – meu sapatinho côr-de-rosa... meu amor

não consigo reconhecer-te...

oh!...

não posso, não devo, não quero... não!

**Condessa** – não desesperes meu amor. não desesperes...

vamos fumar um cigarro antigo?...

muito antigo?!...

daqueles que já nem se fazem?....

## Cena primeira

*quando a luz sobe vê-se apenas Angelo, porém os outros actores estão alinhados de forma a não serem visíveis pela plateia*

**Angelo** – do frio das janelas  
pequenas gotas empurradas pelo vento parecem  
distrair a aparência das coisas  
comandar o nosso pensamento

**Lúcia** – há um resto de morte para viver

**Valentino** – uma coisa é decidir se me devo barbear ou comer.  
outra coisa será dizer o que vou fazer a longo prazo  
nunca o soube  
falta-me uma coisa. falta-me o que existia antes

**Lúcia** – nasci por engano nas férias de natal...

**Condessa** – é constrangedor  
a certa altura dei por mim...  
senti um cheiro  
um cheiro a limpo  
a limpeza  
um cheiro a leite  
a talco  
e perguntei-me...  
... não me lembro bem.  
mas sim. perguntei-me: – que faço eu aqui?  
aqui com estas crianças desconhecidas?  
o mais grave é que queriam que eu fizesse de raposa...  
a avó raposa?...  
eu? eu de quatro a grunhir?!  
grunhir?... as raposas grunhem?...

**Valentino** – saltámos para cima dela

**Angelo** – disparaste a pistola e eu...  
achei que era prudente morrer

**Valentino** – ficaste ali... morto. de pança para o ar..

*os actores movimentam-se no espaço.  
entram duas cadeiras em cena onde se irão sentar Angelo e Valentino. os outros  
saem.*

**Valentino** – profundas  
as minhas memórias.  
as memórias têm a profundidade  
dos dias  
das semanas  
dos meses

**Angelo** – as minhas continuam a alimentar-se de dicionários.  
vivem como se estivessem apoiadas em muros  
as minhas memórias têm a profundidade de um vulcão  
recém-nascido  
espreguiçam-se sobre os séculos

**Valentino** - tenho uma dúvida. a bem dizer... tenho muitas.  
mas há uma que me escorre todas as manhãs pelos cabelos e  
atormenta as horas que se seguem.  
todas as horas do dia...  
da noite não.  
da noite...  
irrompem as cores da primeira vez

**Angelo** – eu... tu sabes como sou. de manhã nunca tenho dúvidas  
só sono  
meto a espuma no rosto, barbeio-me e pronto!

já tenho um ar mais civilizado.  
de noite não. de noite há um nó górdio que me estrangula...  
os pensamentos aceleram  
e as palavras travam-me a memória...

*ouve-se o ruído forte de máquinas. três tiros são disparados e Lúcia atravessa o palco aos gritos.*

**Angelo** – que foi isto?

**Valentino** – não te preocupes é a Condessa

**Angelo** – a Condessa?...

**Valentino** – sim. está a dar alpista aos canários

### **Cena segunda**

*a Condessa está no centro da cena*

**Condessa** - no vale...

o nosso olhar e tu...  
entras na minha boca para que tudo se torne mais leve  
menos sombrio  
no vale, o nosso olhar inquina os barcos.  
ah!... acariciemos o rosto com os ventosos cabelos...

*entra Angelo sobre uma plataforma com rodas. a plataforma será puxada pelas restantes personagens*

**Condessa** – oh!... meu amor...

**Angelo** – Condessa...

olhe-me  
veja-me!...

transporto comigo a beleza de um velho lobo de mar. repare  
no carácter blindado que se evapora em mim. repare neste  
desejo; o de um-nunca-adeus  
ah!...  
quando o último autocarro deixar partir um encontro marcado...

**Condessa** – posso confessar que?...

**Angelo** – sim, meu anjo. sim. confesse

**Condessa** – há um buraco negro. não me lembro de mais nada  
restam-me tão só memórias nebulosas. episódios.  
e os mísseis sobre a cidade...

ou serão pássaros?!...

quis ser rainha mas nunca lhe cheguei às mandíbulas.

os meus reflexos de luz sangravam por estranhos orifícios.

nada retrocedia.

que mundo este...

nunca o conheci. tão pouco o seu olhar cúmplice

aquele que me prometia o sol.

nunca compreenderei a nossa história... nunca!

e se me trouxesses um café?

uma xícara bem grande de café?!

foi o que te disse

é horrível.

imaginei-te vestido com uma alva túnica

marcavas a diferença nas portas

tudo... tão esperado, tão ansiado

num sorriso

num olhar

numa palavra

num movimento

numa entrega total e absoluta...

mais tarde, tudo se reflectiu no teu rosto

oh!...

uma enorme satisfação nunca terminada

“Pero el tema musical se repetía una y otra vez... como si tu lo estuvieras ensayando para alguna fiesta o algo así...”

**Angelo** – não. creio que não. isso foi...  
há três anos  
    há três memórias  
        há três ideias  
            há três sensações  
quicá...                      há três hábitos

**Condessa** – vi demasiadas coisas... não mantereí o silêncio. vê os meus dedos ardem  
    será um sinal? será que atingiram a eloquência!?

**Angelo** – os dedos? é bem possível. mas este é, com efeito, um bom local para a prática de suicídios.  
ouço a chuva com a devida atenção  
    condensa-se com frases húmidas  
    condensa-se sim  
    Condessa. e... mais direi:  
nem um rasto do que foste se poderá ler no deserto...

**Condessa** – e eu desejava lê-lo!  
ah!...    quantas vezes me escondi para te ver nu

*os actores que arrastaram a plataforma dirão, em coro e de forma repetida:*

– os muros são montes hirtos  
    a choviscar  
    os muros branqueiam o mar

*ouve-se, agora, uma estação de rádio que transmite música. os actores ensaiam passos de dança em torno da plataforma para onde subiu a Condessa. dança com Angelo.  
a música deixa de se ouvir.*

**uma voz** – interrompemos a emissão para informar: – a cidade, a nossa cidade, está mais violenta e perigosa. ainda que as forças da ordem procurem a pacificação. não é possível ocultar o óbvio. tudo se encontra fora de controlo. assistimos ao fracasso das unidades policiais. o recolher obrigatório foi decretado e, segundo as mais recentes informações, segundo as forças militarizadas, os principais causa-dores do caos e da desordem barricaram-se num teatro da capital.

*a música volta a ouvir-se os actores entram em pânico (o som deve ser mantido).*

**Condessa** – fomos descobertos!...

**Angelo** – vou lá fora!...

**Lúcia** – não é prudente!...

**Valentino** – é uma loucura!... melhor irmos ao camarim e espreitar pela janela.

**Angelo** – vamos!

**Lúcia** – não vou. fico aqui...

**Condessa** – certo. fica! qualquer coisa...

### **Cena terceira**

*apenas Lúcia em cena*

**Lúcia** – a neblina roça na vidraça. na vidraça esfregas o focinho as espáduas e a língua resvalam pelas esquinas do crepúsculo. pousam na poça aninhada nas sarjetas... deixei cair sobre o teu dorso a fuligem das chaminés nessa tarde, as casas estavam adormecidas...



*um espectador levanta-se*

**Espectador** – oiça lá...! tem a certeza que...

**Lúcia** (*cortante*) – certeza é uma janela sem ninguém, uma janela com uma bala na cabeça

**Espectador** – isto é absurdo... a cidade mergulhada no caos e vocês aqui...

**Lúcia** – as cidades não têm rumo certo. e há cidades sem rumo as que apenas se deslocam sobre as calçadas. mas outras há, com rumo definido. são as que esticam o olhar para ali, para aqui que dão um passo para lá... outro para cá. as cidades têm garras como relógios. mergulham no seu próprio corpo

**espectador** (*levanta-se e dirige-se ao palco*) – passamos horas obscuras dentro de caixas. eu sei como se sente... sente-se o resto dos restos. claro... aprendi rapidamente a reconhecer uma máquina, um cão, uma... mas não estou seguro por onde começar.

é o pânico!

é do pânico!... e o pânico é como um dente. continuamos a senti-lo com a língua mesmo depois de ter sido removido...

o pânico é como os lobos

como a menina...

e a menina chama-se?...

não. não diga...

está debaixo

da língua

da boca...

sim. o melhor é esquecer o que disse antes.

**Lúcia** – o que eu disse antes foi... relógio e jardineiro e o senhor não se chama jardineiro. eu acho. até amanhã

**Espectador** – não vá. não vá sem me dizer...

**Lúcia** – como me chamo?...

**Espectador** – eu sei o teu nome. és a Lúcia. és a luz no meu olhar e gostas...

**Lúcia** – gosto de vinho apoiado em travesseiros  
o sabor do vinho deve ser assim. e quando viajo nas rugas  
ao redor dos olhos, com o carinho na frente e água a  
fumegar nas costas...  
... áspero ou doce

beberei sempre vinho  
líquido, suado  
e algumas vezes fervente  
melhor:... com aromas de fogo.  
ontem soprei mecanicamente uma bofetada e mergulhei num  
sono de açúcar

**Espectador** – e hoje?

**Lúcia** – hoje descobri o teu nome. és Alexandre e vais passear  
comigo...

**Espectador** – vou?

**Lúcia** – vais...

**Espectador** – o vento que chega rasga janelas  
no estendal... apenas horas. horas impacientes ao sabor do vento  
a máquina

descarrilada  
sofreu delírios  
avariou-se. é duro!...  
cortas o bife e perdes-te no garfo  
na noite

resta-te uma bomba. um pensamento. uma corda no reposteiro.  
vamos?!...

**Lúcia** – a casa da minha avó! vou levar-lhe o jantar. e vou...  
atacar centrais eléctricas, depósitos e refinarias, centrais de co-  
municações, instalações militares e tudo que seja essencial à eco-  
nomia

matarei chefes de estado  
comandantes militares  
grandes industriais e, nada será como antes. será como...

**Espectador** – como na história que, em pequenos, ouvimos  
numa correria.

*saem como loucos. o espaço escurece. ouve-se uma voz num megafone*

**voz** – o teatro está cercado. sabemos que estão aí. entreguem-se,  
ou...

**voz de Alexandre** – esses teus longos e saborosos olhos  
dividem o teu corpo em dois  
em busca da eterna satisfação

**voz de Lúcia** – falas-me...

**Alexandre** – da contribuição definitiva para a construção de um  
futuro livre  
infantil? sim. mas lá. no alto da montanha...

e na saída

e nas pessoas

e na vida

e na luz

ah!... o meu quarto está cheio frio. tento libertar-me todavia...  
a minha alma magoa-me... prende-se entre paredes, entre as lá-  
grimas que descem paredes... aos gritos!...

## Cena quarta

*Valentino está sentado no chão. entra Lúcia*

**Lúcia** – que bom encontrar alguém...

**Valentino** – sim?

**Lúcia** – sim

**Valentino** – e...

**Lúcia** – porquê?

**Valentino** – sim. porquê?...

**Lúcia** – porque... porque me perdi. aqui. nesta floresta

**Valentino** – ah!...

**Lúcia** – perdi-me. não há meio de me encontrar

**Valentino** – sabes... o rei|o rei morreu|morreu e|morreu  
sem|sem deixar|sem deixar herdeiro|e|e ao|ao ser|ser consul-  
tado|consultado o oráculo|o oráculo que anunciou|anunciou  
que|que o sucessor|chegaria|chegaria num|num carro|carro  
de bois|e|e a profecia|a profecia foi|foi cumprida  
acaba de chegar à cidade um camponês e esse camponês chama-  
se górdio. górdio será coroado. a alegria invade já as nossas almas.  
viva o rei!

viva górdio!...

viva! viva!...

**Lúcia** – é uma história?

**Valentino** – não.

**Lúcia** – é quê, então?

**Valentino** – não sei bem...

há coisas que aprendo  
não vivo mais no tempo  
no tempo que é vosso  
comigo tudo me chega como um enorme pensamento  
como... um crac  
um... crac crac crac

e  
crac  
imagino  
mas não abro  
é. não quero abrir  
nada é feito para se abrir  
as imagens são um simulacro  
um mísero enfeite como um deleite  
e  
uma ave enferrujada - melancólica  
revolta por entre pensamentos  
um terno e patético balet  
e as gentes presentes

olharam-se  
entre si

e salvam-se

**Lúcia** – és um vidente?

**Valentino** – sou pastor. apascento o meu rebanho

**Lúcia** – rebanho?... não vejo...

**Valentino** – eu sou.

**Lúcia** – quê?

**Valentino** – eu sou o rebanho. eu sigo-me e persigo-me  
mas com o cérebro é diferente  
pode acontecer...  
passar para outras áreas.  
estou a ser claro?

**Lúcia** – claríssimo, prossegue

**Valentino** – minto tanto quanto posso  
falsifico as mentiras até que se tornem palavras dos outros

**Lúcia** – certo. mas...

**Valentino** – mas...

**Lúcia** – estou perdida. tenho de chegar a casa de minha avó

**Valentino** – a memória filtra os elementos associados às emoções, aos desejos, aos objectivos.  
um dia destes tentarei explicar, sem palavras, o acidente que atingiu algumas zonas da capital  
de momento ainda não sei tudo  
pelo menos o que gostaria de saber  
afirmo, porém, que daqui a dez anos lidarei melhor com isso...  
pois... falar agora, aumentaria a confusão  
o mesmo acontece com a agricultura, com as laranjas, com os pêssegos, com os ananases e com... os relógios de bolso  
perdoa... mas tenho outras coisas mais importantes para fazer

**Lúcia** – e como chegarei...

**Valentino** – a casa de tua avó?

**Lúcia** – sim

**Valentino** – vai por ali... sempre pela estrada. nunca pela floresta. é perigoso

ah! e não esqueças a chave

o que importa sempre é a experiência, não no formato e, por mais deslumbrantes que sejam, as palavras estão carregadas de signos que narram actos  
o homem de hoje... *(pausa)* vai!

*escurece. ouve-se uma voz*

**voz:** – falo-vos do comando geral... têm 30 minutos para sair com as mão erguidas. qualquer movimento suspeito... atiramos a matar.

### **Cena quinta**

*em cena a Condessa*

**Condessa** – a cabina telefónica não é mais que uma figurante dos teus filmes

a cabina telefónica, na cena seguinte, apalpa os lençóis  
o cobertor é que não. o cobertor afunda-se

por entre os dedos

na direcção do travesseiro

interessante como as memórias... *(olha um jornal que está no chão - apanha-o e lê)* a polícia deteve, esta noite, quatro indivíduos por alegado envolvimento num caso de espionagem.

os quatro detidos pertencem a uma agência de detectives privados, sendo que dois deles, já admitiram ter gravado... *(pausa longa)*

esta agência de detectives terá efectuado várias escutas telefónicas em locais públicos...

*Alexandre entra num repente*

**Condessa** – tu?...

**Alexandre** – as assimetrias provocam zumbidos contínuos  
zumbidos que nos devoram como máquinas armadas de dentes  
d'ouro  
as assimetrias sentem-se como um peso de arremesso na cabeça

**Condessa** – muito bem. acabas de revelar o código...  
prosegue.

**Alexandre** – é como se me tivessem enfiado capacetes de ferro.  
estas luzes azuis são o que resta  
são fracções de pensamento...

o mar a nadar  
a maré a subir  
a subir  
a subir  
a subir  
com uma mão na testa

**Condessa** – meu amor...

**Alexandre** – os anos passaram

**Condessa** – com efeito

**Alexandre** – continuas...

**Condessa** – bela?

**Alexandre** – nem mais.

**Condessa** – não és o primeiro a quem assinaei com verdade o  
meu amor      mas...



**Alexandre** – mas?...

**Condessa** – a minha neta deve chegar a qualquer momento

**Alexandre** – tarda

**Condessa** – tarda?

**Alexandre** – veio pelo caminho mais longo...

**Condessa** – tu...

**Alexandre** - eram

seis as horas

seis as casas em que eu não entrei

seis idades a deslizar como potros na banheira

vamos!

**Condessa** – sim, meu querido. sim. devora-me!...

*a luz baixa entre risos de Alexandre e da Condessa. Voz de Alexandre:*

– não

não me violes

guitarra-me

violoncelo-me

acaricia a tecla do meu cravo

e aspira o som que se escapa do meu trompete

humedece a palheta do meu saxofone

e com as unhas

arranha a pele do meu tambor

e dedilha a minha arpa

e escorre os teus dedos pelo

arco do violino

e na volúpia

descarrego

as claves  
as colcheias  
as breves  
e semi-breves  
na tua pauta ondulada  
a nossa música continuará um dia destes

*ouve-se passos e a voz de Angelo:* – para não esquecer o seu passado humilde... colocou a carroça, com a qual ganhou a coroa, no templo de zeus. amarrou-a com um nó a uma coluna. um nó impossível de desatar...

*Angelo entra. a Condessa e Alexandre desenham, no solo, uma dança amorosa*

**Angelo** – tu!...

**Condessa** (*recompondo-se*) – este é...

**Angelo** – um lobo. um lobo que morde as sombras amargas dos cimentos. a boca que engoliu as nuvens

*Alexandre solta um uivo. depois dirá:* – quinhentos anos se passaram sem que ninguém conseguisse realizar esse feito...

**Condessa** (*para Angelo*) – estás pálido  
o esófago parece infectado  
a vida... esta vida é um livro semi-aberto  
e o pensamento está cheio de sulfamidas...  
coisas assim, acontecem  
um dia... um dia destes mergulharei  
no escuro  
no vazio...  
sim. sem pensar  
sim. sem medir

os actos  
os factos  
as consequências

um passo darei para me deixar cair  
sem destino  
sem medo

dúvidas? não. só com o querer contarei

**Angelo** – mulher!?

teu corpo de chá em flor emana aromas selvagens  
prazeres

desejos                   que desembarcam na seara fértil

e o meu corpo

no cais

no ancoradouro do nosso desejo...

ah!...                   sou uma almofada sem nome

uma mulher

um homem

uma etiqueta

sou reciclável                   sou de usar e deitar fora

e a distância a que me sinto dos demais é absoluta ilusão

quero... um suicídio sem deixar uma carta de despedida?

não. isso não faz o mínimo sentido.

*Angelo sai. a Condessa aproxima-se de Alexandre. voltam a envolver-se.*

**Alexandre** – devoro-te entre os latidos dos cães

já sinto nos dentes o doce naufrágio e... ao romper da alba

descortino o perfil dos nossos corpos. sinto

**Condessa** – sentes

**Alexandre** – corro

**Condessa** – corres

**Alexandre** – entrega-me primaveras carregadas de deus

e                   na quietude dos lençóis deste outono

erguer-te-ás envolta em sedas

o alaúde das inundações contrai-me o estômago  
permite-me que te engula num trago esta noite

*entra Lúcia*

**Lúcia** – avó!...

**uma voz** – à janela a lâmina brilha  
e nos campos...  
quantos dedos lhe estou a mostrar? certo! vinte e três  
e                                 vinte e três...  
são os pensamentos que esbarram na nossa cabeça  
e                                 os pensamentos voam sozinhos  
com a desesperada solidão das paredes que nunca se encontram

**Condessa** – longos são os lamentos da velha locomotiva...  
o céu em cinza, protege o rio. sabes, minha querida; os padres  
gostam de morder as mãos das vendedoras de fósforos e os  
transeuntes... olham o infinito montados num balão suspenso  
ninguém os censura... tão pouco a morte desfaz a fuligem

**Lúcia** – estou confusa...

**Alexandre** – percorremos passo a passo o caminho traçado  
cada ponto nos é confiado como um segredo.  
fui até à outra margem do rio. sabes... não mais será possível  
assistir a um regresso. porque cada passo é um sonho  
e em cada sonho reside uma experiência  
o movimento fluirá como um regato

*Valentino entra num repente*

**Valentino** – ah!... os lobos...

**Alexandre** – como cresceste meu rapaz!...  
ainda há dias...                         fala-me das tuas previsões

**Valentino** – as nossas viagens ficam a poucos passos das linhas férreas

subimos

corremos

saltamos...

as bicicletas dançam

constroem uma nova religião

com estrelas de metal

com rituais místicos

só muito depois é que

carregamos no botão para entrar

e

batemos a porta ao sair

**Alexandre** – muito bem...

*Angelo entra em cena*

**Angelo** – eles estão lá fora! estamos completamente cercados

**Alexandre** – finalmente!... todos juntos

*ouve-se uma voz do exterior: – vamos entrar. se resistirem.... morrerão!*

*as luzes parecem falhar. ouve-se um enorme estrondo seguido de uma rajada de metralhadora. quando tudo volta à normalidade, Angelo está caído por terra. os outros olham-no.*

## **Cena sexta**

*os mesmos em cena e nas mesmas posições*

**Condessa** – está morto.

**Lúcia** – como o lamento... o Angelo era como um deus, como um mestre, como...

**Alexandre** – um mártir. a nossa causa tem um mártir!...

**Valentino** - os deuses disseram-me: – tu és o Alexandre por quem esperávamos. és o salvador!

**Condessa** (*à parte*) – o meu dia chegou... serei rainha

**Valentino** – os pés precipitavam-se, cresciam  
e

por entre as mãos orgulhosas, a sombra  
disse-me há dias o mestre!  
as profecias foram cumpridas!...  
comemoremos

**Condessa** – tenho uma garrafa de espumante. não é grande coisa, mas...

**Lúcia** – vou buscar os cálices. trago um para o Angelo?

**Valentino** – o Angelo está morto

*Angelo ergue-se num salto*

**Angelo** – não seja por isso. faço questão em beber com os camaradas!

*brindam pela revolução. Alexandre, depois de Angelo voltar à posição de morto, tira do bolso o seu telemóvel. faz uma chamada*

**Alexandre** – general?... como está o meu amigo?

claro... afirmativo. (*pausa*) tudo como previsto. (*pausa*) sim, conte com isso. (*pausa*)

claro... como?... (*pausa*) ah... pois já. (*pausa breve*) já temos um mártir, sim. (*pausa*) um mártir da causa  
da nossa causa... (*pausa*)

está aqui, à minha frente. “jaz morto e arrefece”... *(solta uma gargalhada)* claro... *(pausa)* afirmativo! ainda estão por aí. *(pausa)* sim. eles continuam a cercar-nos... a cercar o teatro. *(pausa)* isso. venha. venha e dê cabo deles!

*Alexandre desliga o telemóvel e, depois de uma pausa, solta um uivo. as luzes baixam*

*cascais, solstício de verão de 2013*



espectáculo “@uto das fadas 2.0” de “*Mandrágora*”  
na imagem; Bruno Vilão *o diabo* e Rita Penim *a feiticeira*



## @uto das fadas 2.0

poema dramático – a partir do “*auto das fadas*”  
de **Gil Vicente**  
levado a cena no ano de 2001 (Lisboa) com o elenco de  
“**mandrágora**”

### **introdução**

*espaço branco. instalação plástica com computadores que serão ligados pela feiticeira ao entrar em cena. um vídeo poderá apresentar as personagens. os ambientes sonoros deverão estar relacionados com as novas tecnologias. ao serem ligados, os computadores, deverão projectar como primeira imagem uma gravura de gil vicente - Entra em cena um actor que circula pelo espaço de forma lenta. Numa lentidão desesperante. Pára em cada um dos quatro pontos cardeais.*

**Actor** – fel de morto

**Vozes de actrizes** – conforto

conforto  
conforto  
conforto

**Actor** – meu

conforto

**Vozes de actrizes** – cornudo

cornudo  
cornudo  
cornudo

**Actor** – bolo

boooooooooo cornudo

**Vozes de atrizes** – sabedes tudo

tudo

tudo

tudo

tuuuuuuuuuuuuudo

**Actor** – vós sabedes tudo

**Vozes de atrizes** – e tudo

tudo

tudo

tudo

tuuuuuuuuuuuuudo

**Actor** – de tudo

**Vozes de atrizes** – bico de pego

bico de pego

bico de pego

bico de pego

**Actor** – de tudo

de pego

de tudo

de tudo

asa de morcego

**Vozes de atrizes** – bafo de drago

de drago

te trago

drago

**Actor** – de tudo  
de tudo vos trago

*entram duas actrizes, uma circulará como o actor, em sentido contrário. a outra deverá colocar-se ao centro. quando a primeira se encontra com o actor, os dois deverão iniciar uma dança ritual enquanto recitam os textos do diálogo.*

**Actriz** 1 – alguidar. alguidar. alguidar. alguidar. feito foste. alguidar. ao luar. ar. alguidar. luar. com cuspinhos de donzelas. amassado por elas. com elas. alguidar. às janelas. debaixo. à luz e. à luz e debaixo delas. das sete estrelas. amassado com cuspinhos preciosos. alguidar. ditosos. ooooooooooooooh.

**Actor** – ooooooh. ooooooooooooooh. cuspinhos preciosos. dai prazer. dai ora. a quem. a quem bem. vos bem. vos quer. vos bem quer. dai. dai ora nas encruzilhadas. boas fadas. as. fadas. boas. dai. dai-lhes prazer e. ora. embora e. na encruzilhada. ora marafada. ora. ora enfadada. ora. embora. agora. agoooooora.

**Actriz** 1 – emboooooooooora  
achegade-vos a mim  
queruuuuuuunbim  
a mim  
meu querubim  
a mim  
espumas  
escumas  
de  
de endemoninhado  
de cansaaaaaaaaaado  
de ateaaaaaaaaaado  
e quem vo-las deu  
eu dei-vo-las  
eu

*Os dois saem lentamente, a atriz 2, no centro, diz:*

– morto

	fel de		
	morto		
de	morto		
de	comforto		
	cornudo		
	sabedes tudo		
	sabedes tuuuuuuudo		
	tudo		
	bico de pego		
		morcego	
	asa		
	asa	de	morcego
	bafo	de	drago
	traaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaigo		
	tudo	tudo	
	tudo	trago	

*Entra a Feiticeira*

**Feiticeira** – iiii!!!!!!!!!!!!!!.....

iiii!!!!!!!!!!!!!!.....

tanto branco

brando

pranto

meu

do meu

prannnnnnnto

quebranto

branco e

tannnnnnnnnnnnnnnnnnnto

quem

quem ora cá trouuuuuuxe

trouxe ora

cá



iiiiiih  
iiiiiiiiiiiiih  
perequiiiiiiiiiiii  
iiiiiih  
iiiiiiiiiiiiih  
perequiiiiiiiiiiii

iiiiiih  
iiiiiiiiiiiiih  
não

e

de xadrêz

xentado no guardanapo

iiiiiih  
iiiiiiiiiiiiih  
perequiiiiiiiiiiii

iiiiiih  
iiiiiiiiiiiiih  
perequiiiiiiiiiiii

perequi passou

iiiiiiiiih  
iiiiiiiiih  
entrou  
iiiiiiiiih  
iiiiiiiiih

saíu  
o gato  
que te pariu  
iiiiiiiiih  
iiiiiiiiih  
nãããããããã  
fugiiiiiiiiiiiiuuuuuuuuuuuu  
negro é o corvo  
negro é o gato  
negro é o rei

negro é o mato  
negro é o sapato  
negro é o saco  
que desato  
por cima da fersura do sapo

iiiiiiiiih  
iiiiiiiiih

fel de morto  
conforto  
iiiiiiiiih  
iiiiiiiiih  
rato de lar  
alguidar

perequi andou  
perequi entrou  
perequi saíu

e	tanto do meu pranto
	me quebranto
	de branco e tanto
e	agora
defende isto	jesuuuuuuuuus cristo
muito ano	
muito dano	ora tirado
	ora a teus pés
	ora experimentado
	de revés
	de través
	aaaaaaaaaaaaaaaaatravés
dos adros	
	nua ando não a mando
	eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee
sem companhia	as santas palavras dizia
	de bragas dependuradas
quem vo-las deu	deivo-las eu
	eu sim
	aquí
	ei-lo demo vai
	ei-lo demo vem
	ei-lo demo vai
	ei-lo demo vem
	ei-lo demo vai
	ei-lo demo vem
	ei-lo demo vai
	ei-lo demo vem
	ei-lo demo vai
	ei-lo demo vem

*entra o Diabo de forma surpreendente*

**Diabo** – iiiiiiiiiih!  
 iiiiiiiiiiiiih!







*sai o Diabo. a Feiticeira volta aos seus trabalhos. som de flauta.*

**Feiticeira** – relíquias minhas

em água clara metidas  
s  
a a  
d b  
i i  
b d  
u a  
s s  
mexidas

*volta o Diabo acompanhado de dois frades demoníacos.*

**1º Frade** – a isabella desejava

sim

com isabella

o membro engrossava

sim

claro que sim

a batina a óstias tresandava

sim sim e sim

a mãe de isabella

na cama deitada

oooh

suspira de enamorada

oooooooooooooooooh

não

que tormentos passei

vem isabella

vem

buscar-me

agora

vem isabella

vem

tocar-me

é hora

**Diabo** – dois frades

a

teus pés

nus

leva-os

lava-os

pelo seguro

quem os leva

no muro

leva	lava	
quem os	lava	no monturo
	leva	
	breve	iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii
quem	lava	
		e leve
		e breve
		e fava
		e fala
		e farto
		e frater
		e frade
dois frades	nus	
	a	teus pés

**1º Frade** – as damas

	as	amas
		nos matam
		nos atam
		nos catam
y nosotros		adoramos
me las		
me lastima		el dolor
		el ardor
		del amor
		iiiiiiiiiooooooooooooo
		mis labios
		sus
		tus labios
	labios	mios
nos meus		molhos
		folhos
		olhos
no		templo
tu		tiempo

com templo  
con conteeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeemple  
prosas  
ditosas  
formosas

**Coro dos frades** – santo templo d'amor  
ooooooooonde  
las almas perdemos  
venid todos y adoremos  
venid todos y adoremos  
venid todos y adoremos  
venid todos y adoremos

**1° Frade** – ddddddddddd  
dadadadadadada  
damdamdamdamdamdam  
damos damos damos damos damos  
que damos  
los damos  
los suspiros que damos  
dadadadadadadadadada  
daaaaaaaaaaaaaamas los suspiros que damos  
por las damas  
damas  
por formosas  
por gostosas  
por mimosas  
con los ojos en cupido

**Coro dos frades** – santo  
templo d'amor  
ooooooooonde  
las almas perdemos



1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1  
 2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1  
 1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1  
 2.1.2.1.2.1.2.1.2  
 1.2.1.2.1.2.1  
 2.1.2.1  
 nnnn  
 nnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn  
 nós nós amamos  
 amor vitorioso  
 sim palavra shhhhhhhhhhhhh  
 palavra marrrrrrrrrrrrrrrrrrrr  
 palavra maravilhosa  
 de tanto saber querer  
 ser  
 ter humana razão  
 coração  
 nnnn  
 nnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn  
 nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn  
 2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1  
 1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2.1  
 2.1.2.1.2.1.2.1.2.1.2  
 1.2.1.2.1.2.1  
 2.1.2.1  
 um e  
 o coração paixão  
 e tanto é o querer



“@uto das fadas 2.0” de “*Mandrágora*”  
na imagem; Marco Ferro *o frade*

**Coro dos frades** – amor vincit omnia

**Feiticeira** – ora

ora má sorte

minha sorte

iiiiiiiiiii

iiiiiiiiiiiiiiiiiiii

ii

ii de polas fadas

jáááááááááááááááá

agooooooooooooora

*o Diabo sai com os frades. regressando em seguida com as fadas marinhas.*

**Fadas** – mais cansada

de nós

qual vem

de nós faaaaaadas

cansada

jornada

tornada

qual de nós mais cansada está

faaaaaaaaaaada

nesta jornada

fatigada

de nós mais

cansada

cansada jornada

cansada

a faaaaaaaaaaaaaaaaaada

**Feiticeira** – piiiiiiiiiiiiiiiiitaa

piiiiiiiiiiiiiiiiiitaa

pipipipipipipipipipipipipipipipi



piiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiitas  
 patelas                      patelas  
 pateeeeeeeeeeeeeeeeeelas  
 minhas                      donzelas  
    linguadas  
    frescas  
    fritas

no mar  
 esse grande e profundo  
 esse grande e espaçoso mar  
 mar espaçoso

   minhas donzelas  
    piiiitas  
    pateeeeeelas  
 vosso  
    mar espaçoso  
 nosso  
    mar lacrimoso

**Fadas** – nosso mar      fortunoso  
    lacrimoso  
    rigoroso  
    asperoso                      a  
    a                                      cabo  
                                         cabo  
    da                                      jornada  
 a mais cansada  
    de nós                              vem  
    de jornada  
    de es  
    de essssss  
    de estenuada  
 a mais cansada  
    de                                      nós  
    de                                      jornada

jooooooooooooooooonada  
de nada  
nada no mar profundo  
sem fundo

**Feiticeira** – cantando

falaaaaaaaando  
falai

**1ª Fada** – nós partimos sim. caminhando e. suspirando e. com. lágrimas sem. quando o saber é. de nós. e partimos. e nós. e. nem quando. fará nossa. a jornada. cansada de nós. na jornada de. cansada e com. partimos nós de. e. de cansadas. nós. de jornada. de. de lá. e lágrimas sem. de lá. de cá com. de jornada sim. nós sim. partimos de lá

**Diabo** – melhor cante

cante melhor  
melhor sim  
sim cante  
cante quien melhor cante

**1ª Fada** – fados

estrelas  
fados  
alegria  
fados  
terra vazia  
fados fardos  
determinados  
das colhidas  
das escolhidas  
rosas  
vossas  
os fados que deram ser às estrelas



“@uto das fadas 2.0” de “*Mandrágora*”  
na imagem; Joana Sarrazy e Rita Gonçalves *as fadas*  
Na segunda versão o Ricardo Mestre substitui a Rita

**2ª Fada** – às coisas que

a terra

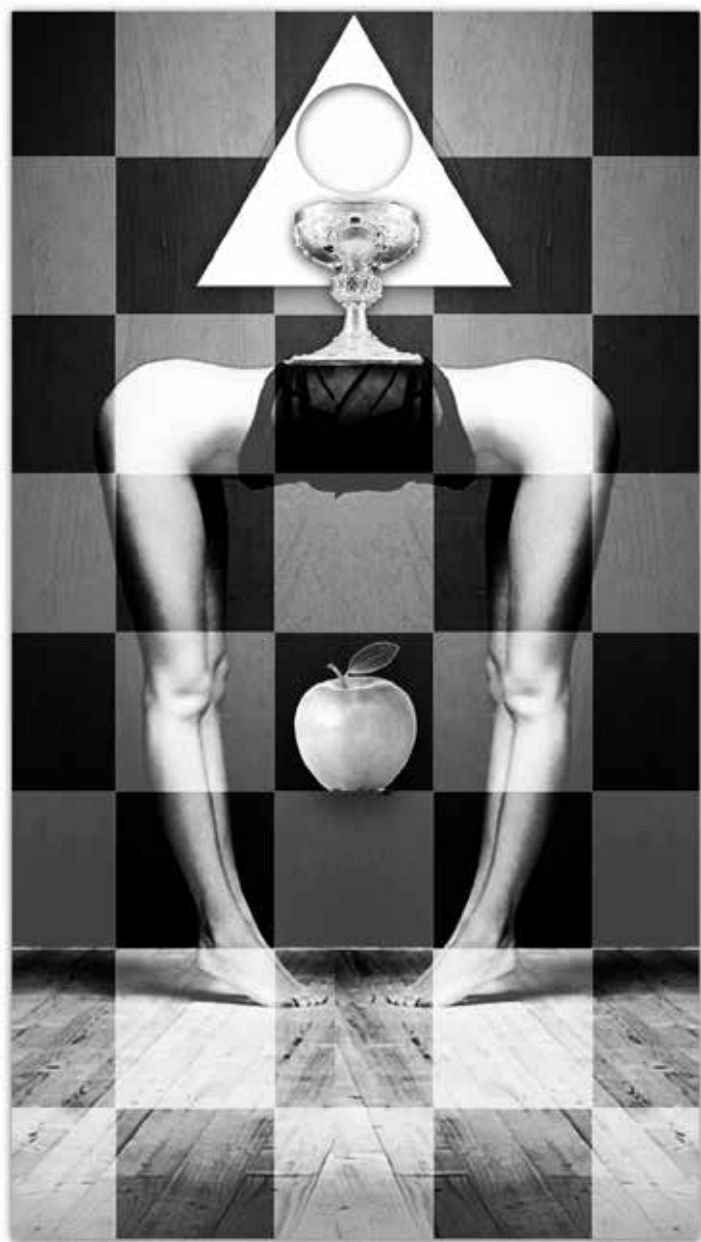
flores alvas      fazem parir  
lírios divinos  
cortinas coooooooooooooooooobrem  
es      coorrem  
quadros cercados      quadros  
                                 quadros  
                                 de vida  
                                 de ida  
                                 de ozzzzzzzo  
                                 de gooooooooozo  
                                 de vida  
                                 gozzzzzzzzzzzzzzzzada

**2ª Fada** – nas ondas do mar

novas  
novas      que temos  
novas  
novas      da terra  
                 má novidade

*Luz de Tavira – Novembro de 2000*

**barba azul**





## Cena primeira

**barba azul** – esta é a minha peça. estou a ler. sentado...  
claro

entrei no palco pela esquerda, sentei-me e só depois peguei nas malas. fechei o livro...

tudo começou assim... um espaço-tempo marcado pelo som de “dream” de john cage (1948). depois, passaram actores apressados e mal iluminados – como sombras

como verificaram, a situação manteve-se até que o som de *cage* se extinguiu

então... levanto-me para vos dizer: – esta história é minha. estou no palco. pousei o livro. fechado

como poderão constatar estou, neste momento, de pé frente à plateia

a última das figuras que passa, carrega um escadote. pára. sobe os degraus e mantém-se no seu posto. no topo

eu, porém, avanço na direcção dos espectadores para dizer: – o espaço representa um texto inscrito no ecrã do meu computador o centro, em forma de “língua”, estende-se até vós

encontro-me num solo onde germina uma caligrafia sangrenta e imagens fumegantes capturadas por um velho fotógrafo

eu

do lado esquerdo dessa língua, prevíamos uma coluna com ligações a outros espaços. os de amigos

mas não. não existe coluna porque os nossos amigos não são,

nunca foram, recomendáveis  
do lado oposto, um corpo de perfil e o retrato da minha boca  
devorando o brilho de uma rosa negra  
é noite

verdade...

... é fácil encontrar defeitos nesta descrição  
afinal... devoramos a notoriedade todos os dias e, à mesma hora  
ouçam!... ouçam este belo tiro de pistola... vejam; vou apontar  
este revólver á boca  
e                                  disparo

**voz da figura no topo do escadote** – deve ter morrido  
sim. tudo é possível depois da magnífica introdução a esta experi-  
rência...  
ah!... atentem:... com traje negro e um olhar que nos permite  
apontamentos que recriam abismos, aproxima-se a figura 1. sen-  
ta-se no chão, fala de forma mecânica com o olhar preso no tecto

**figura 1** – tudo é cor... tudo são traços  
pinceladas                                  como chicotes em agonia  
depois...  
oculto o meu demónio  
por entre  
lembranças. como uma pedra de sal  
as minhas lágrimas caem...

**voz da figura no topo do escadote** – a figura 2, um jovem  
com o coração atravessado por uma bala, entra entoando um  
belo cântico de despedida

**figura 2** – corações mecânicos  
aviões  
gaviões  
e                                  a sorrir  
fra – – – maek



fra ----- maek  
 fra  
 fra – aáelk  
 handsk --- fra  
 handsk – nod – fra  
 det --- fra ----- maek  
 e                    entre sonhos delicados  
                       entre frestas  
                       entre brechas  
 para acalmar desejos  
                       há dias que interpreto  
 as pautas dos sátiros  
                       curioso...  
 tenho os bolsos cheios de borboletas

**figura 1** – uma anónima mulher, libertina ao que parece, contou-me as suas histórias mais íntimas e, no meu livro de mago, anotou receitas impudicas: – sopa de afrodite, gambas com gengibre, ventre de vénus, falo impudico “au” sal...

**figura 2** – a cozinha impudica oferece formas distintas de desfrutar pratos não usuais

**figura 1** – não. não fales por mim!

**figura 2** – onde estás?

**figura 1** – aqui

**figura 2** – aqui?... não te vejo!...

**figura 1** – aqui. onde o escuro me invade

**figura 2** – onde a porta-amortecedor sente o estridente bater dos nós de dedos onde se sente a pressão...

... na aldraba  
... nos ossos  
ah!... a inquietação do impacto  
só o líquido escarlate refletido nos olhos se apercebe  
da reprovação

**figura 1** – isso...

se soubessem  
se escutassem  
se fraccionassem  
revelados  
e descobririam  
nos  
nas  
nos  
e  
o desejo  
se desejavam  
se esqueciam  
se atreviam a abrir todos segredos não  
amanheceres  
intenções da fria maçaneta da porta  
lampejos fortuitos das molduras verticais  
num suspiro  
a flutuar nos dedos dos amantes

**uma voz** – planta uma semente  
e rega com as tuas lágrimas o asfalto

**outra voz** – o abismo era pedra  
o soalho aproximava-se  
mais  
mais  
e mais  
com segredos no olhar

**Cena segunda**

**voz da figura que se encontra no topo do escadote** – no espaço as duas figuras. movimentam-se. procuram os elementos

que darão vida ao acto que se segue.  
barba azul encontra judith. nem mais... eu serei judith...

**figura 2** – aqui uma cadeira...

**figura 1** – aqui, outra

**figura 2** – cada cadeira um espaço

**figura 1** – cada espaço uma aventura

**figura 2** – cada cadeira um mundo

**figura 1** – cada mundo...

**figura 2** – um cruzar de olhares que adivinham...

**figura 1** – ... as primeiras chuvas

**figura 2** – oh!... caem já as primeiras gotas

**barba azul** – aqui estou amada judith... onde estás?

**judith** – aqui...

“fumar es un placer  
genial, sensual  
fumando espero  
al hombre a quien yo quiero...”

**barba azul** – podes ver daqui o castelo de barba azul. não vens?....

**judith** – vou já meu amor... as minhas saias estão presas nestes cardos

**barba azul** – não é um castelo alegre como a casa de teus pais...

**judith** – porra!... rasguei o meu vestido novo

**barba azul** – este castelo é como um livro vivo. mostra-nos a riqueza de um passado ancestral  
e o presente  
recolhidos nestas paragens somos convidados a reflectir..

**judith** – então?... vens ajudar-me, ou não?

**barba azul** – aí vou, amada judith!...

**voz** – barba azul queda-se no segundo degrau do escadote. voltamos à acção das duas figuras

**figura 1** – a mesa?

**figura 2** – vou buscá-la.

**voz** – a figura 2 sai. no regresso arrasta uma mesa com dois orifícios circulares no tampo. as duas figuras colocam pratos e talheres sobre a mesa. em seguida vão para debaixo dela – escondem-se. barba azul e judith entram. sentam-se nas cadeiras dos extremos da mesa e iniciam disparos de carabina  
só depois se abre o diálogo

**barba azul** – um momento que fosse  
um momento que fosse  
ansiando um grito nunca dado  
depois... atravessamos distâncias com as bocas retorcidas

**judith** – ah!...

levo tanto tempo  
levo tanto  
levo  
e levo-me a pensar

o medo que não cometi  
o confeccionar impressões  
o caleidoscópio de sobranceiras sem dentes  
o longo espaço de procura  
o guarda-chuva espetado no mundo  
e  
as feridas que se abrem aos suspiros e esfinges das nossas madrugadas

**barba azul** – minha mui amada judith, tens medo?

**judith** – eu? não. apenas desesperada.  
o meu vestido novo rasgado... estes caminhos são uma armadilha. é verdade que...

**voz** – as cabeças das duas figuras surgem no tampo da mesa através dos orifícios circulares

**barba azul** (*aponta para as cabeças*) – repara. as portas continuam abertas

**judith** – haverá, portanto, dois caminhos e nenhum deles...

**barba azul** – dois?...

**judith** – não me refiro à soma das partes, mas ao seu conjunto. isso. apenas um pensamento-pergunta-resposta  
os silêncios mal se viram quando capturados pelo reflexo das pinturas emolduradas na parede  
e os rostos, sinistramente marcados, aprofundam as sombras

**barba azul** – razoável... lembro uma imagem. uma imagem que me persegue há anos; casais de namorados sussurrando os mais sentidos duetos de amor ao encaminharem-se para o patíbulo  
não achas lindo?

**judith** – um assombro. estou assombrada

**barba azul** – ótimo. o vazio da sala ecoa no meu peito  
luta contra todos os orifícios de sucção  
ferros profundos trepam as minhas memórias  
resultam deliciosas explosões de palavras encostadas à parede – a  
que se desenha frente à porta

**judith** – imagens... tão só imagens

**barba azul** – vividas

**judith** – que bom... excelentes bifes  
o sangue escorre-me pela comissura dos lábios  
e o teu olhar azul púrpura, dispara com a intensidade de um  
relâmpago  
um véu de chumbo

**voz** – sorrisos acompanham a refeição. barba azul e judith deve-  
rão comer durante a acção das duas figuras

**figura 1** – o meu coração é uma charrua  
lavra a terra... sim. todos os dias

**figura 2** – os meus olhos encontraram os teus

**figura 1** – o brilho dos teus olhos capta imagens vazias  
as que navegam entre o dito e o não dito  
entre a morte e a chama dos crematórios

**figura 2** – este lugar é incómodo

**figura 1** – e eu... tenho uma dor na consciência

**figura 2** – agora vamos falar de um sonho realizado. queres?

**barba azul** – quase ninguém gosta de despedidas  
e  
nesse dilecto e abstracto grupo  
abertamente me incluo

**judith** – oh não...  
eu quero voltar a escutar os cogumelos e as romãs que brotam do  
teu vago olhar  
pelas janelas dos comboios  
não...  
não poderei voltar a escutá-los...  
... tropeço, todos os dias, com um rompe-cabeças  
tanto é o veneno  
tantos são os caudais incertos onde se refugiam os lobos  
meu amor... não me abandones

**voz** – a mesa sai – levada pelos dois actores que se encontram  
por debaixo dela

**barba azul** – porque não fechas a porta? porque não corres no  
jardim do meu palácio?

**judith** – não há janelas  
e o meu coração esconde-se numa enorme boca

**barba azul** – a luz do dia entrará através das paredes!...

**judith** – sim?

**barba azul** – sempre

**judith** – oh!...

**barba azul** – sempre

**judith** – o frio reina?

**barba azul** – nem sempre

**judith** – os rumores tornam-se longos silêncios?

**barba azul** – sempre

é que...

escondem-se as memórias	e trazem silêncios
abandonam-se camas	para despir as noites
suspiram-se cabeceiras	para envergar trajes de sonhos
esvoaçantes	
os profetas aproximam-se já como recordações. as dos tempos	
vivididos	
aproximam-se... como vendavais de bonecas de trapo para beijar	
os teus cabelos	

**judith** – as paredes transpiram com medo. medo... da dor que  
vão sentir

diz-me meu amor

porque estão húmidas as minhas mãos?

**barba azul** – Judith, Judith!?!... não era por acaso tudo mais  
alegre no castelo de teu pai?!

com rosas nas janelas. com a luz do sol nos salões?!

**judith** – cada dia é um outro dia

ergue a cabeça e beija-me. quero o beijo que nunca provei

**barba azul** – sim...

**judith** – o amanhecer é um reverdescer. nasce para o dia e dá-  
-lhe voz

uma voz...

sem memória

sem pátria



sem idade  
sem lugar  
sem sustentação  
sem testemunhas...

*beijam-se*

**barba azul** – oh!...

**judith** – para que saibas.

**barba azul** – a presença de um eu poético... por vezes patético  
um eu que deixa de ser objecto  
e se torna dono de si mesmo...

**judith** – como uma obra isenta. como um fio condutor e explicativo de projectos desgastados

**barba azul** – sete portas

**judith** – bem vejo

**barba azul** – fechadas

**judith** – sem luz...

**barba azul** – o computador é uma porta magnífica...

**judith** – sim!?...

oh!... quem não teve momentos “brancos” onde a mente vagueia pela rede?

momentos bem maiores que  
um simples teclado  
um monitor  
um servidor  
um processador

um modem  
um cabo  
uma fibra óptica...  
e que dizer  
das interligações quânticas?  
dos dígitos incomensuráveis?  
dos bites de luz?...

**barba azul** – e do outro lado está sempre alguém na mesma frequência. conseguimos vê-la... sentir as suas vibrações quanta força... seja ela mecânica, mental, eléctrica...

**voz** – judith levanta-se. circula no espaço. com o polegar e o indicador forma um círculo  
uma das figuras entra com um jarro. despeja água no orifício formado pelos dedos de judith. a figura sai e judith simula beber a água como se tivesse um copo seguro entre os dedos

**judith** – esse magnífico aparelho é mágico. engendra coisas fantásticas!

**barba azul** – escrevemos muitas vezes sem sequer olhar as telas  
e  
entramos num transe prazenteiro...  
ah!... e o monitor emitindo aquela luz...  
gera uma abençoada preguiça  
aquela preguiça tão desejada por nós...  
os nossos olhos pedem para se fechar  
dominamos a bola, com um hábil jogo de corpo. depois... despachamos o adversário  
que se encontra à nossa frente  
e com dois passos largos...  
atingimos o garrafão. levantamos o braço  
e a bola tritura os dois pontos da vitória

**judith** – ah!...

comei

este é o meu blog!...

bebei

estes os meus pixell!...

disseste

nós, crédulos, vislumbrámos uma ilha em colapso. foi na segunda porta!...

e a luz rompeu como uma prolongada e poliédrica interrogação assim foi o primeiro dia.

### **Cena terceira**

*(batalha naval)*

**figura 1** – j 5... j 6 e j 7

**figura 2** – o barco de 3 canos foi ao fundo. ganhaste!...

**figura 1** – eu sabia

**figura 2** – sorte. apenas sorte

**figura 1** – será?...

**figura 2** – ... doces meninas dançam ao luar

é noite

é verão

tudo é estranho no começo

mas... fico fascinado pelo que sinto. pelo que realizo...

às vezes, por brincadeira, faço com que os melros pousem nas minhas mãos

deste e do outro lado do espelho

tudo parece ilusão

mas... não o é

de todo

**figura 1** – não o é?... a amargura colocou a mão nos lábios,  
limpou a boca e desviou o olhar  
levantou-se predisposta a responder ao ataque

**figura 2** – os olhares cruzam-se  
e                              surpreendidos pela indiferença...

**figura 1** – no deserto uma gota de água  
aqui...


                                    uma saudação  
                                    um sorriso  
                                    um cruzar de ideias  
prevêm chuva  
caem                      as primeiras gotas

**voz** – na cena caem pequenos farrapos de jornal

**figura 2** – vou medi-la. vê!... a chuva trouxe notícias dum país  
distante...

**figura 1** (*apanhando um dos fragmentos de jornal*) – ouve:... vende-se  
terreno junto à praia...

**figura 2** – aqui... (*lê*) não perca esta oportunidade! conosco,  
cada viagem será como um orgasmo...

**voz** – saem como loucos. barba azul entra em cena. salta à cor-  
da. pára. tira de um bolso um pequeno modelo de automóvel e  
brinca com ele. esta acção dá origem à 

### **Cena quarta**

**barba azul** – vou ter muita vontade de pegar o objecto que nos  
proporcionou o êxtase  
                                    de mordê-lo

de esmurrá-lo  
de destruí-lo  
e de transformar-me num ser objecto  
e após o clímax da destruição...

**judith** (*entrando*) – tudo girará à nossa volta e passaremos por  
bons  
momentos de *lux et pax*  
na rua do circo  
o medo não salta o medo senta-se à porta  
e cabisbaixo... permite-se cultivar um desmedido prazer nas  
hortas da revolta  
com leveza  
e alguma graça  
este é o caminho  
temos de sentir tudo  
e comungar o nada  
temos de sentir o nada  
e comungar o tudo

**barba azul** – oh!...  
abrem-se sonhos fecham-se gavetas  
separam-se luas deitam-se amantes  
e erguem-se as intenções...

**judith** – meu amor... como é lindo...

**barba azul** – lindo e bom é respirar o perfume  
a casa...  
e  
a cidade. de vez em quando. só de vez em quando

**judith** – é bom... ficarmos quietos. sem nada fazer

**barba azul** – é... e tinha-me esquecido.

**judith** – mas descobriste-o por acidente...  
aquela porta... a terceira. está fechada?!

**barba azul** – que viste?

**judith** – cadeias, punhais, sangue...

**barba azul** – meu amor... é...

**judith** – é?...

**barba azul** – a minha câmara de tortura...

**judith** – espantosa!... espantosa e interessante

**barba azul** – tens medo?

**judith** – eu? das tuas paredes? do sangue que delas escorre?

**barba azul** – tens medo?

**judith** – não, não tenho.  
meu querido barba azul... vê! está a amanhecer. não é belo?

**barba azul** – rio... sangue

**judith** – mar... luz

**barba azul** – terra... vento

**judith** – esse amanhecer idílico...

**barba azul** – com soldados, com guerrilheiros e com povo. muito povo...  
onde se esconde uma paz imperfeita que não é propriamente...

**judith** – a retratada nos cartazes de publicidade turística porém...

... a jornada horizontal, sobre a página, assemelha-se ao caminhante que rompe a trilha

a única maneira de procurar significados... ah!... como esses significados serão diferentes para cada viajante... sim. os significados são construídos na memória. as conexões no entanto... atrasadas. e as sondagens... atrasadas e o significado está, como lógico, atrasado...

**barba azul** – em todas as culturas os ossos têm um sentido sagrado

e seja por exumação, por incineração, por mumificação ou abandono...

	sempre se faz qualquer coisa com os restos
os ossos	são os restos dos restos
os ossos...	são aquilo que sobrevive ao corpo
o imortal do mortal	
os ossos	são o sagrado

**judith** – o que esconde a quarta porta?!...

**voz** – barba azul solta uma gargalhada terrível. saem, barba azul e judith, muito lentamente. uma lentidão desesperante. após um momento marcado por sons do quotidiano e uma iluminação fraca, entrará a figura 1.

**figura 1** – estávamos sentados no passeio... ouvimos barba azul dizer:... – *falámos e enquadrámo-nos...*

judith saltou da cadeira e disse:... – *alegra-me por ambos... e tu, que dizes?...*

depois, dirigiu-se a ele e continuou:... – *vamos!...*

barba azul ficou pálido. só teve tempo para responder:... – *como assim?*

e ela:... – *vamos ver. que se passa?!...*

barba azul fez um pequeno silêncio para acrescentar em segui-

da:... – **que se passa com quê?**

foi nessa altura que judith, com aquele seu jeito malicioso, respondeu:... – **pois sim... sentimo-nos bem. na verdade...**  
barba azul olhou as estrelas e num golpe disparou:... – **claro!... claro que sim. verás!**

judith, curiosa, perguntou:... – **verei?...**

nessa altura, barba azul assobiou, andou de bicicleta, cantou uma ária de ópera e só depois... muito depois, disse:... – **não. não quis dizer nada...**

e no meio de gargalhadas nervosas, judith acrescentou:... – **oh!... porque esperas?**

e barba azul, disfarçando um sorriso perverso, replicou:... – **tranquila... eu direi isso ao jardineiro. acalma-te!**

judith, desesperada, arrancou os cabelos. soltou gritinhos pouco legíveis e deu duas voltas ao canteiro central do palácio, soltando frases repetidas:... – **e tu barba azul?... não me pareces seguro!?... que se passa?**

barba azul do cimo de uma torre do castelo, gritou:... – **pois... esta é a minha primeira experiência. tu sabes bem que a primeira vez é... vês?**

judith, aqui, chora. chora muito... judith não quer dizer nada. mas diz muito.

diz:... – **bem vejo.**

barba azul transforma-se, transtorna-se, morde o relvado e... joga. salta ao eixo, à cabra-cega, às três pedrinhas e trauteia um poema ao ritmo de um velho fado:...

– **estou contente...**

**tenho a certeza**

**tenho.**

**sim, tenho a certeza**

**que tudo se resolverá**

**que tudo será bom!...**

a alegria irrompe e os dois, em coro, dizem:...

– **Oxalá!... Oxalá!... Oxalá!...**

então, barba azul diz:... – **ficarei à tua espera nas próximas férias... não?**



**judith** (*entrando*) – claro meu amor!...

nos dedos

perco-te

na boca

recupero-te

e se olhares à tua esquerda, possível será contemplares cabeleiras  
ao vento respondendo uivos

quicá

seja demasiado tarde

quicá

as engrenagens do mundo estejam enferrujadas  
e tu não passarás de um sussurro marinho sobre o  
asfalto às quatro-e-meia da tarde

tu

és a espera

a promessa de uma nova esperança

nas mãos

sentas-te

nos olhos

levantas-te

beijo

os olhos que são os teus, para compor as coisas de maneira mais  
sólida

devoro os dedos que são os teus, sentada numa cadeira de den-  
tista

então, e nesse momento... recuperaremos o tempo. explodimos  
em milhares de serpentinas

ah!... as escadas frias sugerem neve sobre os teus joelhos nus

há muitos dias sombrios

que não te vejo

há peixes

nos teus e meus olhos

é curioso ver-te sentado numa cadeira repentina

tudo se reduz a um punhado de pressentimentos

e

arrepios

**voz de barba azul** – charlamos mucho más...  
de outras coisas. sim...  
mas pouco interessantes...

pelo menos para mim  
pelo menos para aqui

sabes...?  
quando acabámos...  
é que dei conta.

... eram os meus ciúmes

eu... sempre julguei ser aquele jovem... agradado por ser o centro  
de todos, de tudo.  
que jovem?...

**figura 2** – há um nome gravado nos grãos de areia. soube. mas  
nunca soube do autor de tal acto. de tal acção  
soube ainda muitas outras coisas que não posso revelar. não me  
é permitido

são segredos guardados no tempo. segredos só comparáveis a um  
arrotar obliquo sobre a amargura dos nossos cimentos  
mas... tudo muda

a minha adolescência está no seu termo...

y yo no lo esperaba tan pronto

pois... ela deixou-me atado no parque de estacionamento  
deixou-me ali. ali onde se reuniam

suicidas

camionistas

e damas com sapatos de agulha vermelhos  
infernais

e... deliciosas rameiras

as que diariamente velam o meu flutuante sono

### **Cena quinta**

**judith** – que esconde a quinta porta?

**barba azul** – três histórias que crescem como montanhas

**judith** – necessário é abalar. ir a outro lugar..  
e  
apagar os contornos do riso  
alterar o presente  
mudar de vestido  
inaugurar um sonho...

**barba azul** – no cimo das duas primeiras histórias, dois homens  
os dois homens são três  
e  
o terceiro homem é um menino  
um menino que corre lá longe. no vale  
em cada porta...

**judith** – a palavra é um vírus. perguntei-lhe: – e que dizer do  
tilintar das fechaduras para lá desses passos pesados?

**barba azul** – junto à porta... a palavra é um sussurro trancado

**judith** – o fluxo e o refluxo...

**barba azul** – o ranger de portas abre-se a múltiplos estados de  
mau estar (*gargalhada*) visionário, eu?

**judith** – na sexta porta  
uma mente enraizada

**barba azul** – semelhante àquele desmesurado caos original...

**judith** – que importa isso?  
estás, porventura, a falar do pós-estruturalismo?  
da morte?

**barba azul** – não. apenas me referia a imagens cósmicas travestidas de palavras.

oh!... e  
se fosse eu  
engolindo tudo o  
que há, ali, na colher.  
pois. nas horas fechadas  
atravesso as vielas escuras e  
nuas esquinas desse mar de breu.  
nós contemplamos a placidez do céu  
o céu da boca e o gosto amargo a prédios.  
oh!... tudo se confunde no interior do meu quarto.  
por favor, adoça nossos sonhos com calda de caramelo  
e

vodka bem gelado

quantos olhos foram precisos para abarcar os interstícios dessas  
paredes?

**judith** – interessante. muito interessante... e, assombrada  
soletro navalhas de corte ao meio. mesmo ao pé do ouvido  
tu, acordado  
observas o quarto  
afunilando  
afunilando  
afunilando  
afunilando sempre  
e heis que dois dedos se acercam de um botão de prata  
então o porta chaves em silêncio atravessa as escadas  
alcança uma ilha espantada  
há uma flor de fogo na parede  
há espectros

há travesseiros  
há arrepios  
e há a lua  
o vento  
cabelos cheios de ideias  
e personagens de uma tragédia absurda  
por entre cinzeiros  
sulcamos a monotonia dos dias  
pois... o movimento permanece esquecido nas ruas infestadas  
de intocáveis

### **Cena sexta**

**rapaz** (*saindo da sétima porta com uma maçã na mão*) – a porta  
soltou gritos estridentes  
entre-dentes  
entre-mentes  
entrementes o corpo encharcado no café  
fugiu-me da boca  
voou  
entre as quatro paredes embranquecidas pelo  
tempo  
resta-nos esta maçã  
e pilhas de feno  
ah!... tanta beleza ofende  
ao provar os seus lábios adormecidos...  
... sonho-a

**barba azul** – quem és tu?

**rapaz** – quem és tu?... apenas um livro que deseja voar. um  
livro em salmoura embrulhado na cidade  
sim!...

as pegadas no asfalto  
percebem cada sola. cada roda de bicicleta  
vislumbro um enxame de livros suculentos que pacientemente e  
junto ao poste... se sentam sobre os tornozelos. esperam  
aqui ou ali  
nada é demais  
apenas um  
entre tantos  
sorrisos entorpecidos para lembrar antigos silêncios  
e um conflito quase accidental  
os restos de orvalho resplandecerão no teu peito

**barba azul** – livros que se dirigem a nós  
para que os possamos ler  
tu e eu  
apenas  
eu e tu  
num doce ruminar

**judith** – porque não olhar?... é que se cruzaram muitas pessoas  
tentando sair dos carros, elevadores, estações de metro e outras  
paragens. também dos prédios congelados  
entretanto perguntou: – estás convencido que o teu ascético “sof-  
tware” astrológico pode irradiar o teu espírito pela Galáxia?  
e o outro respondeu: – vai com calma, companheiro... com cal-  
ma. tu que foste prometeo... esquece aquele momento em que  
tomaste o céu de assalto e invadiste as estrelas

**barba azul** – as movimentações ocorridas ao erguer das pálpe-  
bras suspiram na varanda  
e de acordo com a luminosidade filtrada pela vidraça tudo está  
morto. até eu...  
e... revolteando a acolchoada sepultura descubro que poderei

produzir  
no fundo  
lá no fundo  
sonhos com nuvens

*(aponta um revólver à boca. ouve-se um tiro. depois, dispara e cai)*

**judith** – olhei inconvenientemente o caminho. não era tarde.  
mas o vento soprava obliquamente uma bela canção  
o teu corpo deslizou  
ágil  
uma boca engoliu a lua.  
só quero sentir o cheiro dos teus cabelos de prata  
é que... o encanto está na condensação  
o encanto é um véu  
que oculta

a

sabedoria

a

lucidez...

em doses

equivocas

ah!...

o

escuro

o ponto

o

dia

o escuro

dia

o ponto

escuro

o

dia

escuro

com calma

a esquecer

sim

sou eu a que desce



no escuro e  
o silêncio aqui  
fora de mim  
passa  
atravessa me  
e  
com pressa  
abre portas para  
outras e outras  
portas portas

ah!  
os teus dedos...

a tua língua nos meus lábios  
só húmidos  
mais tarde sábia  
a promessa será cumprida...

**barba azul** (*erguendo-se*) – com a miséria nos olhos  
parti *do início*  
queria ter partido *do fim*  
queria dormir contigo naquela torre  
mas... na torre dormi com as sombras que infestam as paredes  
a torre  
aquela  
construída com fragmentos de rocha  
com ossos  
com gotas de sangue  
gotas que nos olham com horror  
gotas de terror  
e ossos sussurrando insatisfeitas flechas (*volta a cair*)



**judith** – a luz é como um véu que as tuas mãos rejeitam numa  
correria. a luz esqueceu-se dos ovos  
e tal facto não nos surpreende  
a luz pode quebrar-se e pode roçar os nossos corações num sus-  
piro  
há coisas que só acontecem no verão  
porque...

as metáforas

ficaram no quarto

sentadas

num sofá...

a abrir

portas

para

outras

e

outras

portas

**rapaz** – esta é a minha peça. estive a ler. sentado...  
entrei no palco pela esquerda, sentei-me e só depois peguei nas  
malas, fechei o livro... e saí pelo fundo  
tudo poderia acabar assim... mas não  
há momentos que implicam um futuro. o futuro é esta maçã!

**judith** – ou esta romã!...

Luz de Tavira 2006

# MENU

*perguntas ancoradas  
no silêncio ..... pag. 6*

*meia sombra - ou dos  
amorosos ..... pag. 18*

*entre latidos ... pag. 40*

*@uto das fadas 2.0  
baseado no auto de Gil  
Vicente ..... pag. 66*

*uma carta para Branca  
Neves ..... 90*

**cRocoDarium**